Geovani Németh-Torres

Verônica e Sant'Ana Mestra: Arte sacra barroca e patrimônios culturais de Lavras

GEOVANI NÉMETH-TORRES

VERÔNICA E SANT'ANA MESTRA: ARTE SACRA BARROCA E PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE LAVRAS

Lavras (MG)

Geovani Németh-Torres

2025

Série Lavrensiana, Volume XV

Contato:

E-mail: historiadelavras@gmail.com.
Internet: http://historiadelavras.blogspot.com.
YouTube: www.youtube.com/@historiadelavras.

Németh-Torres, Geovani, 1986- .
Verônica e Sant'Ana Mestra: Arte sacra barroca e patrimônios culturais de Lavras / Geovani Németh-Torres. – Lavras, MG: Geovani Németh-Torres, 2025.
42 p. : il.

1. História do Brasil. 2. Minas Gerais. 3. Igreja Católica Apostólica Romana. I. Título.

ISBN: 978-65-01-42739-3. CDD – 981.51

Capa: Primeira exposição pública da tela "Verônica" após a restauração e da imagem de Sant'Ana após seu tombamento municipal, reunidas na Igreja Matriz de Sant'Ana na semana comemorativa aos 260 anos da paróquia de Sant'Ana de Lavras. Fotografia, 19 nov. 2020, [Acervo Geovani Németh-Torres]. Design: Geovani Németh-Torres.

1.ª edição

PREFÁCIO

Quem visita a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras pode ver os conhecidos exemplares de arte sacra integrados à edificação, como os retábulos e o forro da capela-mor.

Contudo, existem dois bens artísticos móveis muito relevantes que foram apartados de seu acervo original, e que recentemente se viram foco de ações ligadas à preservação do patrimônio cultural: a imagem de Sant'Ana mestra da antiga matriz e a tela "Verônica".

Este livro eletrônico versa justamente sobre esses bens culturais. De fato, essa publicação, além de apresentá-los, é também um presente para toda a população lavrense. Ele complementa o filme documentário "Verônica e Sant'Ana: A redescoberta dos patrimônios culturais de Lavras (MG)", lançado em 8 de abril de 2025, feito em colaboração com a produtora audiovisual Giselle Tronquim Furtado Gonçalves.

O filme foi contemplado com recursos do edital LPG 02/2023 – Apoio a Produções Audiovisuais – da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, em cumprimento à Lei Federal n. 8.666 de 21 de junho de 1993, Lei Complementar n. 195, de 8 de julho de 2022 e pelos Decretos Federais n. 11.525 de 11 de maio de 2023 e n. 11.453 de 23 de março de 2023, e Instrução Normativa MINC n. 6 de 23/08/2023.

O conteúdo da obra foi extraído do artigo que escrevi junto do arqueólogo Gabriel Arriel Pedrozo para a Revista da Academia de Letras

de São João del-Rei[1]*, e também um excerto do livro História Geral de Lavras, Volume II*[2]*.*

Que esses esforços sejam mais um passo para a tão aguardada restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras, nosso maior patrimônio cultural, para que esta possa receber de maneira adequada todos os seus bens integrados originários de arte sacra barroca.

Geovani Németh-Torres

Professor e historiador

[1] Németh-Torres, G., & Pedrozo, G. A. (2023). A redescoberta da imagem de Sant'Ana Mestra da antiga igreja matriz de Lavras (MG). *Revista da Academia de Letras de São João del-Rei*, *12*(12), 201-220.

[2] Németh-Torres, G.. (2023). *História Geral de Lavras, Volume II*. Lavras: Geovani Németh-Torres.

A REDESCOBERTA DA IMAGEM DE SANT'ANA MESTRA DA ANTIGA IGREJA MATRIZ DE LAVRAS (MG), ATUAL IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras, Minas Gerais, é a edificação mais antiga existente no município. Do seu patrimônio artístico, este apenas recentemente começou a ser analisado com maior atenção por especialistas, persistindo ainda mais perguntas que respostas a respeito de informações básicas, como datações e autorias dos elementos artísticos.

[**Fig.1**] Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dez. 1942. Fotografia: SPHAN.

O nome original do templo era capela de Sant'Ana, quando de sua edificação, entre 1751 e 1754, nas terras do capitão Luiz Gomes de Morais Salgado. A capela seria elevada à condição de igreja matriz em 1760, após a transferência da sede paroquial que até então ficava em Carrancas[3]. Contudo, somente no último quartel do Século XVIII que a situação da antiga Igreja Matriz de Sant'Ana começa a ganhar mais contornos: ainda que as fontes disponíveis sejam fragmentadas, podemos fazer algumas inferências.

[3] NÉMETH-TORRES, G. (2010). **Os 250 Anos da Paróquia de Sant'Ana: Uma História da Igreja Católica em Lavras** (MG): Geovani Németh-Torres. (Série Lavrensiana, 1).

No final dos Setecentos, o vasto território da freguesia de Nossa Senhora Conceição das Carrancas e de Sant'Ana das Lavras do Funil recebeu grande influxo de imigrantes colonizadores, dispersos em diversas paragens. Foram pelo menos doze novos povoados que tiveram igrejas instituídas entre 1768 e 1801[4], os quais eventualmente se tornariam municípios desta parte do Campo das Vertentes. Estes colonizadores vinham em busca de riquezas minerais e também cultivar a terra, e as sucessivas levas também demandavam e traziam outros elementos de desenvolvimento colonial, como soldados, construtores, religiosos, artistas, etc.

Focando especificamente no núcleo urbano primitivo da freguesia de Sant'Ana de Lavras do Funil, este período viu sua consolidação, e também a chegada de novos moradores, dentre os quais algumas famílias abastadas que viriam a dominar o panorama político e econômico lavrense pelos duzentos anos seguintes[5]. Entre eles, citamos os Costa – talvez a maior família consanguínea de Lavras – cujo patriarca, Manuel da Costa Vale (1704-c. 1783), originário de Balazar, Porto, Portugal, aqui se estabeleceu com esposa paulista ainda na década de 1750. Da família Costa, descendem os Pádua e os Salles, troncos distintos nos anais lavrenses. Outra família marcante é a Botelho, originária de Covilhã, Beira, Portugal, através de Francisco Inácio Botelho (1734-1796), estabelecido em Lavras por volta de 1770. Francisco Inácio era genro de Branca Teresa de Toledo (1721-1798), primeira pessoa a ser batizada em Carrancas[6], o

[4] TRINDADE, Dom Frei J. S. (1998). **Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)**. Belo Horizonte (MG): Centro de Estudos Históricos e Culturais; Fundação João Pinheiro; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. NÉMETH-TORRES, G. (2018). **História Geral de Lavras, Volume I**. Lavras (MG): Geovani Németh-Torres. (Série Lavrensiana, 6).

[5] NÉMETH-TORRES, *op. cit*, 2018, p. 90-103.

[6] JUNQUEIRA, R.; SETTE, B. Francisco Félix Correa, sargento mor. **Projeto Compartilhar**. Acessado em 31 jul. 2022. Disponível em:

que demonstra o pioneirismo deste ramo. Já a família Azevedo, de notáveis comerciantes, teve por origem o sargento-mor João de Deus Alves de Azevedo (1752-1823), natural de São João del-Rei, estabelecido em Lavras em algum momento nas décadas de 1770 ou 1780.

Dada a importância destas famílias, não por acaso possuíam (e algumas ainda possuem) propriedades nos arredores da igreja matriz, que evoluiu a formar o Largo de Sant'Ana – atual Praça Dr. Augusto Silva – já consolidado em 1800, bem como a parte sul da Rua Sant'Ana, área que desde os primórdios se destacou pela atividade comercial.

Neste período formativo, a vida eclesiástica também apresentou importantes acontecimentos. Entre 1783 e 1808, assumiu a paróquia o padre José da Costa Oliveira[7]. Ainda em 1783, chegou a Lavras, o padre Manuel Moreira Prudente, como professor de Primeiras Letras, lecionando até 1799, com um ordenado anual de 150 mil réis[8]. O sacerdote seria oficializado pela rainha d.ª Maria I apenas em 1792[9], sendo seus proventos advindos do Subsídio Literário, tributo criado em 1772 para sustento dos professores dos estudos menores. Consistia na imposição de oitenta réis pelo barril de oito canadas (21,36 litros) de cachaça, e trezentos réis por cada rês abatida nos açougues[10]. Importante ressaltar que estas aulas ocorriam na capela lateral anexa à capela-mor, construída em algum momento da segunda metade do Século XVIII, de acordo

---

www.projetocompartilhar.org/Familia/FranciscoFelixCorrea.htm.

[7] DIOCESE DE CAMPANHA. **Anuário Eclesiástico da Diocese de Campanha** (Vol. 10). Campanha (MG): Santo Antônio, 1948, p. 26-29, 49-51.

[8] DIAS, D. R. B. **Universo das Letras: Os desdobramentos da Reforma Pombalina da educação em Minas Gerais Colonial**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009, p. 80.

[9] VILELA, M. S. **A Formação Histórica dos Campos de Sant'Ana das Lavras do Funil**. Lavras (MG): Indi, 2007, p. 227.

[10] CARRARA, A. A. **A real fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da coleção Casa dos Contos de Ouro Preto**. Ouro Preto (MG): UFOP, 2003, p. 30.

com Pereira[11] – quiçá, datadas da década de 1780, quando da chegada dos padres professores que lá lecionavam?

Ora, o estabelecimento destas famílias ricas, a chegada destes padres e também a construção da "sala de aulas" na capela lateral são consonantes com a datação estimada para a elaboração do patrimônio artístico da antiga matriz de Sant'Ana. É, pois, sabido que era prática costumeira dos potentados locais fazerem generosas doações para o engrandecimento e zelo da igreja. Nos registros encontrados em testamentos, Firmino Costa[12] observa que:

> Francisco Inácio Botelho foi um homem de valor. Amante do trabalho, ele conseguiu adquirir neste lugar não pequena fortuna. De sua generosidade e grandeza de alma ele deu eloqüente testemunho, deixando livre seus escravos, isto no século dezoito, e pedindo-lhes que vivessem no temor a Deus, além de legar a um deles dez oitavas de ouro[13] E não só dos escravos ele se lembrou em seu testamento, senão também dos pobres de Lavras, aos quais deixou a sua roupa e dez oitavas de ouro. Afora esses, instituiu ele diversos legados para os parentes, amigos e irmandades religiosas. Consciencioso em extremo, ele não se contentou em mandar dizer missas por sua alma, mas recomendou que se celebrassem trezentas missas pelas almas das pessoas com quem teve negócio e às quais podia ter prejudicado. "Peço pelo amor de Deus, diz ele em seu testamento, a toda e qualquer pessoa que de mim tiver conhecimento me perdoe os agravos, que lhe tiver feito, e o escândalo que poderei ter-lhe dado; e eu desde agora para sempre perdôo a todos os que me tiverem agravado na honra, fama e fazenda ou de outra qualquer sorte, pois deste vale de lágrimas só quero salvar a minha alma". E sinceramente religioso, ele recomendou a seus filhos em particular que tratassem do asseio de decência do altar da Virgem Senhora das Dores.

[11] PEREIRA, H. N. Histórico de alterações como método auxiliar de diagnóstico: uma abordagem experimental. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, *5*(1), 2006, p. 287.

[12] COSTA, F. **"Vida Escolar" de Firmino Costa (1907-1908)**. 3.ª ed., Lavras (MG): Geovani Németh-Torres. (Série Lavrensiana, 5), 2022, p. 237-238.

[13] No antigo sistema português de unidades de medida, a oitava equivalia a 3,5856 gramas.

O testamento de Francisco Inácio Botelho foi escrito em 20 de outubro de 1790, segundo transcrição no *site* "Projeto Compartilhar". Seu conteúdo sugere que o retábulo lateral dedicado à Nossa Senhora das Dores já estivesse concluído então. Nesta mesma fonte, interessante notar ainda que seu filho, Tomé Inácio Botelho, testado e falecido em 1825, expressa: "a minha Matriz de Sant'Ana das Lavras do Funil, deixo cem mil-réis que serão satisfeitos pelo meu testamenteiro, quando se quiser fazer alguma obra que mereça o conceito público". Se esta obra fora realizada, acreditamos que possa ser ou incluir a instalação da nova pia batismal, de pedra, conforme solicitação do bispo dom frei José da Santíssima Trindade[14] que visitou a paróquia em 1824.

Todos estes levantamentos buscam traçar um panorama da situação de Lavras, desde o final do Século XVIII, além de serem pistas para auxiliar a localização dos artistas responsáveis pelas obras sacras na antiga Matriz de Sant'Ana. Os arquitetos, entalhadores e pintores de São João del-Rei da época são mais conhecidos, notavelmente por obras como a famosa Igreja de São Francisco de Assis, além de serem os principais nomes especulados, uma vez que, então, Lavras era distrito daquela vila. Entre os artistas conhecidos, registrados em documentos, temos Francisco de Lima Cerqueira, Antônio Ferreira Lima, Inácio José do Rego, seu cunhado Timóteo e dois negros, Luiz Pinheiro de Souza, José Maria da Silva, Agostinho Gonçalves Pinheiro, José Antônio Fontes, Aniceto de Souza Lopes, e Antônio Martins[15]

---

[14] TRINDADE, *op. cit*, 1998, p. 227-231.

[15] PÁTRIA MINEIRA. (s.d.). Considerações Finais. **Internet Archive**. Acessado em: 31 jul. 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20190116105933/www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/152238230710_CONSIDERACOES_FINAIS.pdf.

[**Fig. 2**]: Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Geovani Németh-Torres (2010).

Nos últimos anos, o nome do entalhador de Braga, José Maria da Silva, ganhou eco em várias publicações, graças a um artigo assinado por Moacyr Villela[16], publicado no "Projeto Compartilhar". Villela encontrou uma procuração de José Maria da Silva de 12 de julho de 1784, quando ele estava na capela do Rosário das Lavras do Funil. O pesquisador então considerou este registro uma prova de autoria dos retábulos da atual Igreja do Rosário de Lavras, embora, como se sabe, àquela época este templo era chamada Igreja Matriz de Sant'Ana,

[16] VILLELA, M. U. José Maria da Silva: Um mestre entalhador de Braga na comarca do Rio das Mortes. 2013 Acessado em 31 jul. 2022. www.projetocompartilhar.org/Biografias/JoseMariadaSilvaMestreEntalhador.pdf.

e a capela em questão seria uma existente em Rosário de Itumirim, demolida em 1963. Não obstante, é válido o registro descoberto por Villela, e, apesar de não ser suficiente para provar, tampouco não se pode descartar José Maria da Silva, uma vez que se desconhece obras de sua autoria das quais pudessem ser feitas análises formais.

As duas fotografias seguintes são de retábulos estimados da década de 1780 que apresentam algumas similaridades artísticas. Seriam registros remanescentes dos trabalhos de José Maria da Silva?

[**Fig. 3**]: Retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itumirim, construído em c. 1781, destruído em 1963. Fotografia: acervo da família de Zenóbia Teixeira de Rezende.

[**Fig. 4**]: Retábulo do altar da capela lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras. Esta capela lateral data da segunda metade do Século XVIII. Fotografia: Honório Nicholls Pereira (9 de junho de 2003).

A professora Letícia Martins de Andrade[17], da Universidade Federal de São João del-Rei, que tem estudado os retábulos do Campo das Vertentes, observa bastante similitude nos retábulos da antiga matriz de Lavras com a tipologia do estilo Vertentes-Sul de Minas, destacando o retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, de autoria do entalhador Luiz Pinheiro de Souza, sendo um bom indício de que a igreja lavrense pode ter sido feita pelo mesmo círculo. Vale registrar que tanto Luiz Pinheiro de Souza, como José Maria da Silva e Francisco de Lima Cerqueira tinham sido nomeados pela Venerável Terceira Ordem de São Francisco de Assis de São João del-Rei, em 11 de julho de 1781, para a confecção do retábulo-mor daquela igreja. Contudo, "para serem evitadas confusões e discórdias", esta resolução não prevaleceu sendo Luiz Pinheiro de Souza o único

[**Fig. 5**]: Nave-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, com destaque para os retábulos laterais, e o arco-cruzeiro e retábulo-mor ao centro. Fotografia: Patrimônio Espiritual (11 de janeiro de 2018).

[17] ANDRADE, L. M. Considerações sobre as obras de talha e pintura na Igreja do Rosário, antiga matriz de Sant'Ana das Lavras do Funil. **Revista do Patrimônio Cultural de Lavras**, Ano 1, n. 1, 2020, p. 26-49.

responsável por aquela obra[18].

Outra linha de pensamento que a pesquisadora Letícia Martins de Andrade levantou é a sugestão do restaurador Carlos M. Araújo[19], que sugere a possibilidade de ter sido o pintor Joaquim José da Natividade (Sabará, c. 1769/1771 – Baependi, 1841), liderando uma oficina itinerante entre o Campo das Vertentes e o Sul de Minas no primeiro quartel do Século XIX, o fornecedor dos riscos para essas peças da antiga matriz de Lavras. Essa hipótese foi retomada por Santos Filho[20] e por Azevedo[21]. Santos Filho[22] inclusive referencia a passagem de Natividade em São João del-Rei entre 1804 e 1805, depois de uma estadia no Serro Frio, e c. 1824, data da obra de Baependi. A obra do Natividade é identificada por atribuição a uma série de pinturas e retábulos em igrejas das Vertentes e Sul de Minas que apresentam grande coesão estilística[23].

[18] ALVARENGA, L. M. Francisco de Lima Cerqueira: o artista e suas obras. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. 7, p. 50, 1974-1975, *apud* Urias, P. Um mestre de obras português na comarca do Rio das Mortes: Francisco de Lima Cerqueira e suas obras na vila de São João del-Rei. In **IX Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte**. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
[19] ARAÚJO, C. M. Considerações acerca da pintura rococó ilusionista de Joaquim José da Natividade na região do Campo das Vertentes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, 6, 1988, p. 106, *apud* Andrade, 2020.
[20] SANTOS FILHO, O. R. Joaquim José da Natividade: mestre pintor do período do Rococó Mineiro. **Revista Barroco**, 20, 2012-2013, p. 253.
[21] AZEVEDO, M. C. N. **Arte sacra e distinção social: Joaquim José da Natividade no sul de Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014, *apud* Andrade 2020, p. 83.
[22] SANTOS FILHO, O. R. Joaquim José da Natividade: mestre pintor do período do Rococó Mineiro. **Revista Barroco**, 20, 2012-2013, p. 244.
[23] ANDRADE, L. M, *op. cit*, 2020.

[**Fig. 6**]: Retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Geovani Németh-Torres (2010).

[**Fig. 7**]: Forro da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fotografia: Geovani Németh-Torres (2010).

Há de se reconhecer que ainda mais pesquisas necessitam ser feitas. Uma vez que as fontes lavrenses já foram todas avaliadas, levantamentos nos arquivos mais antigos da diocese poderão trazer mais luz à questão da datação e autoria do patrimônio artístico da antiga matriz de Sant'Ana de Lavras, sendo o período de 1783 a 1808 e os nomes de José Maria da Silva, Luiz Pinheiro de Souza e Joaquim José da Natividade os melhores indícios que temos até o presente.

A imagem de Sant'Ana Mestra

Conforme é amplamente conhecido, a antiga Igreja Matriz de Sant'Ana de Lavras teve seu nome alterado em 1917, quando da inauguração da nova matriz. O templo colonial passou a ser consagrado a Nossa Senhora do Rosário, haja vista que entre 1810 e 1904 existira uma pequena capela com esta invocação em Lavras, sendo demolida para o prolongamento da Rua Direita[24] (atual Rua Francisco Salles).

[24] NÉMETH-TORRES, *op. cit*, 2010.

[**Fig. 8**]: Foto mais antiga da Imagem de Sant'Ana Mestra, c. 1980. Fotografia: Arquivo do Museu Bi Moreira.

Foi no dia 9 de setembro de 1917, às dez da manhã, a Missa solene e a sagração da nova Matriz pelo bispo da Campanha, d. João Almeida Ferrão

(1853-1935), segundo o ritual litúrgico. Ela se encontrava devidamente ornamentada pelas Damas da Caridade do Sagrado Coração de Jesus. Conforme decidido anteriormente, as varas do pálio que levaria o bispo em procissão seriam carregadas por membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento, confrades de São Vicente de Paulo e associados da Adoração Noturna. Os distintos católicos lavrenses, doutores Derval Junqueira de Aquino e Gustavo Olinto de Aquino, a pedido do reverendo vigário fizeram doação de preciosa capa de asperges e de um fino tapete para o altar-mor[25].

De acordo com a ata da inauguração, relata-se que a procissão partiria da velha Matriz, que doravante ficaria sob invocação da Santíssima Virgem do Rosário. A imagem de Sant'Ana foi conduzida em andor devidamente paramentado e carregado por pessoas conceituadas. Chegando à nova Matriz, o bispo ordenou que ela fosse evacuada e desnudada, iniciando assim a bênção do templo. A porta e as paredes exteriores foram aspergidas, sendo acompanhado pelos padrinhos, as excelentíssimas senhoras Ana Salles e Leonor Botelho Pena e os senhores cel. Augusto Salles e cel. Elias Johanny (representado pelo sr. João da Costa Pinto). O cortejo prosseguiu com a bênção do interior do templo, após o qual entrou a imagem da gloriosa Sant'Ana. Seguiu-se a Missa solene, com assistência pontifical, tendo oficiado nela o reverendo frei Paulo, missionário da Ordem Seráfica, auxiliado pelo reverendo pároco Castorino e pelo clérigo Luís de Gonzaga.

A tarde do mesmo dia teve lugar, com assistência dos fiéis, a Exposição Solene do Santíssimo Sacramento e o *Te Deum*, em ação de graças por tão

[25] NÉMETH-TORRES, *op. cit*, 2010.

grande dádiva feita por Nosso Senhor aos fiéis católicos de Lavras[26].

O relato acima mostra que a incomum, porém, necessária, troca de padroeiras com a sagração da nova matriz de Sant'Ana incorreu na transladação da imagem da Sant'Ana Mestra que esteve no trono do retábulo-mor da antiga matriz desde o Século XVIII. Sua entrada na nova matriz, em 1917, é um dos poucos registros escritos que temos da imagem sacra, mas é aceitável presumir que ela tenha permanecido no novo templo pelo menos até 1928, quando da compra do novo retábulo-mor importado de Ortisei, Itália.

Daí em diante, a imagem "desaparece" nos registros históricos, possivelmente, tendo permanecido na matriz nova ou tendo sido levada para o porão do salão paroquial. Neste ínterim, de 90 anos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, seu lugar original de procedência, passou por vários altos e baixos, incluindo desabamentos, reformas, tornou-se Museu Sacro, foi reaberta aos ofícios litúrgicos e, principalmente, foi declarada bem tombado em nível federal em 1948, e em nível municipal, em 2002[27].

Por ter se apartado de sua sede, a imagem de Sant'Ana Mestra ficou alheia ao processo de tombamento federal da Igreja do Rosário, apesar de ser indiretamente citada em documento que compõe o tratado deste patrimônio nos arquivos do IPHAN[28].

Terminada as reformas emergenciais na igreja, em fevereiro de 1950 houve uma troca de cartas entre Sylvio de Vasconcellos (1916-1979), chefe distrital da DPHAN, padre Waldemar Gödert, SCJ. (1915-2000), pároco de Sant'Ana de Lavras, e dom frei Inocêncio Engelke, OFM. (1881-1960), bispo da

[26] DIOCESE DE CAMPANHA, *op. cit*, 1948, p. 51-52.
[27] Decreto municipal n. 3.936 de 1.º de março de 2002.
[28] IPHAN. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras**. Processo de tombamento 0368-T-48. Caixas 0169-P.0748 e 0200-P.0587. 1940-1979.

Campanha. Basicamente, Vasconcellos comunicou o padre Gödert que as reformas estavam completas, solicitando assim que as imagens originais fossem recolocadas na igreja. Este, responde que não é de sua alçada fazê-lo, repassando a questão ao bispo d. Engelke, o qual assim responde, a 8 fev. 1950:

> O Rev.mo Vigário de Lavras acaba de enviar-me o ofício que V. S. lhe mandou, comunicando o termo dos consertos da Igreja do Rosário de Lavras e solicitando fossem reconduzidas àquela igreja as imagens antigas "pertencentes ao referido templo".
>
> Venho, pois, dar a necessária explicação ao caso. A Igreja do Rosário era Matriz. Construiu-se a Igreja própria da padroeira de Lavras, a atual Matriz.
>
> Assim sendo, as imagens oficiais da Matriz, por direito passam a ser imagens da nova Matriz. Estas não são somente a I. de Sant'Ana (que, aliás, é nova), mas também as imagens necessárias para a Semana Santa e as que são as invocações das respectivas Irmandades, agora estabelecidas na nova Matriz: São José, Coração de Jesus, N. Sr.ª de Lourdes, etc., salva que estas Irmandades queiram com o tempo substituir as atuais e assim colocar aquelas novamente na Igreja do Rosário. Isto é questão de combinação amigável com as respectivas irmandades de que tratarei quando for a Lavras. mas, o que pertence à Matriz como matriz, de justiça ficará na Matriz que hoje é a Igreja de Sant'Ana.
>
> Sempre ao seu inteiro dispor.

Vasconcellos então responde ao bispo que não era sua intenção intervir no culto religioso, apenas sugerindo a recolocação das imagens nos antigos lugares que ocupavam, antes das reformas na igreja. O tratado do IPHAN ainda guarda um dos preciosos "bilhetinhos" do prof. José Luiz de Mesquita (1887-1967), que contam informações objetivas sobre a situação do templo. O prof. Mesquita, ciente que em 1951 comemorar-se-ia o bicentenário da construção da capela original de Sant'Ana, pede uma vez mais ao bispo e também ao diretor geral da DPHAN, dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), que as imagens fossem lá colocadas novamente, uma vez que estavam se estragando, guardadas no porão do salão paroquial, sujeitas a intemperismos do ambiente. Após nova troca de mensagens, manteve-se o entendimento que isso precisaria ser acordado com cada uma das Irmandades.

Em algum momento nos anos 1950, segundo testemunho ocular do prof. Ângelo Alberto de Moura Delphim, eventualmente as imagens retornaram à Igreja do Rosário, incluindo a imagem de Sant'Ana Mestra, que estava no retábulo-mor, porém em local mais baixo. De certo não foi uma estadia longa, uma vez que a igreja sofreria novos desmoronamentos no início dos anos 1960, quando as imagens foram novamente retiradas. A Igreja do Rosário só seria finalmente aberta ao público em 1982, quando as imagens sacras retornaram aos retábulos laterais originais, mas não a Imagem de Sant'Ana Mestra, que carecia de um local adequado e seguro para sua colocação, uma vez que o trono do retábulo-mor era agora destinado à Imagem de Nossa Senhora do Rosário. A representação da antiga padroeira ficou, deste modo, na Casa Paroquial de Sant'Ana de Lavras, seu local de guarda pelo menos desde a década de 1960. Atente-se que, segundo Jorge Haddad, presidente da Congregação Mariana de

Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio de Pádua da paróquia de Sant'Ana, por um breve período no final da década de 1980, a imagem esteve exposta no chão do presbitério, atrás da antiga mesa da comunhão. Uma senhora chegou a oferecer-se para pintar as partes descascadas. Apesar da boa vontade, o pároco da época recusou, preocupado que a intervenção causasse descaracterização. Daí em diante, a imagem retornara à Casa Paroquial.

É preciso salientar que questões que se prolongam por décadas invariavelmente acabam sendo esquecidas, sendo este o curioso *status* jurídico da Imagem de Sant'Ana Mestra. Em 13 de agosto de 1985, uma Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, referente ao Processo Administrativo n. 13/85/SPHAN, deliberou "que a proteção oferecida pelo tombamento do imóvel religioso era extensivo a todos os bens móveis e integrados que compunham o seu acervo na data do seu tombamento"[29]. Não era o caso da Imagem de Sant'Ana Mestra, uma vez que em 1948 ela estava em outro local. Além disso, em setembro de 1993, o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (então denominação do IPHAN) realizou uma pesquisa para o Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados, visitando a Igreja do Rosário, registrando todos os bens lá existentes. A ampla pesquisa de campo foi realizada por Olinto Rodrigues dos Santos Filho, o qual não incluiu a imagem, veja bem, *por não ter sido comunicado de sua existência*.

Enquanto isso, de 1990 a 2008, não houve celebrações litúrgicas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma vez que ela esteve aberta como Museu Sacro de Lavras, quando não, fechada sob reformas. Em 2010, ano em

[29] RIBEIRO, E. S., & SILVA, A. F. Inventários de bens móveis e integrados como instrumento de preservação do patrimônio cultural: a experiência do INBMI/Iphan em Pernambuco. **Projeto História**, 40, 2010, p. 72-96.

se comemorou os 250 anos da criação da Paróquia de Sant'Ana, foi publicado um livro contando a História da Igreja Católica em Lavras. Durante as pesquisas nos arquivos do Museu Bi Moreira, foi encontrada uma foto da imagem de Sant'Ana Mestra muito intrigante. O idoso e simpático padre Honório Link, SCJ. (1925-2014), então o sacerdote mais velho da paróquia, pôde explicar ao autor o que conhecia sobre aquela escultura. Ela estava na Casa Paroquial, necessitando de restauração, e estava oculta da população por motivos de segurança. Naquele mesmo ano, uma foto em cores da imagem foi usado no material publicitário das comemorações do aniversário da paróquia.

Em 2018, a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer, Turismo e Cultura de Lavras, realizou o levantamento e atualização do inventário dos bens móveis da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e da Igreja Matriz de Sant'Ana. Na oportunidade, a equipe teve acesso ao primeiro inventário municipal, de 2003, que não mencionava a Imagem de Sant'Ana Mestra.

Segundo a restauradora Lindsay Rocha Taveira[30], a imagem representa duas figuras femininas. A figura da esquerda é de meia-idade, está sentada, em posição frontal, e possui tons de pele claro. Cabeça resta, com rosto em formato quadrado. Sobrancelha esquerda mais arqueada que a direita. Olhos de vidro grandes nas cores branco e verde. Nariz grande e boca pequena. Queixo quadrado. Cabelos pretos, longos e ondulados. Pescoço comprido. Braço direito inclinado para lateral com a mão entreaberta. Braço esquerdo inclinado para frente e mão segurando um livro aberto nas cores branco e marrom. Pernas cobertas por uma túnica. Pés em ângulos calçados por um sapato preto. Veste túnica longa nas cores dourada, azul, verde, vermelho, amarelo, branco e preto.

---

[30] PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS. **Processo de tombamento da "Imagem de Sant'Ana Mestra da antiga matriz de Lavras"**. Lavras, 2020.

Possui um véu longo desde a cabeça nas cores dourado, vermelho, amarelo, verde, azul, branco e preto. A figura da direita é jovem, está de lado, com o corpo todo para esquerda, e possui tons de pele claro. Cabeça em formato quadrado inclinada para baixo e para esquerda. Olhos de vidro grandes nas cores branco e preto. Nariz pontiagudo e boca pequena. Cabelos pretos, compridos e ondulados. Pescoço longo. Braço direito inclinado para frente com a mão entreaberta. Braço esquerdo inclinado para frente com a mão aberta sobre o peito. Pernas e pés cobertos pela túnica. Veste túnica longa branca com detalhes em dourado. Véu longo nas cores azul, vermelho e dourado. A cadeira da imagem principal é verde e dourada. Base em formato rochoso em um tom claro de cinza e bege.

Características técnicas: Escultura de suporte de madeira com douramento e policromia nas cores tons de pele claro, branco, dourado, amarelo, vermelho, verde, azul, marrom, bege, cinza e preto.

Características estilísticas: Nota-se que o panejamento segue padrão de cores e detalhes similares aos anjos do retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Intervenções: Sem documentação sobre intervenções anteriores. A imagem apresenta alto grau de originalidade.

Estado de conservação: O bem apresenta perda considerável e irreversível do material original ou seja, acima de 50%. O bem necessita de intervenção complexa para a qual se exigem técnicas sofisticadas a serem realizadas por restaurador. Camada de sujidades superficiais (poeira, poluição), perda de suporte, perda de camada pictórica, perda de douramento, desbotamento da camada pictórica, fragilização do suporte comprometendo a

estrutura e foxing.

Características iconográficas: O tecido branco na cabeça de Santa Ana simboliza sua pureza de coração. O véu marrom é símbolo da humildade e da simplicidade. O pergaminho na mão direita de Santa Ana simboliza tudo o que ela ensinou à Virgem Maria. A Virgem Maria menina na imagem simboliza o sentido de vida de Santa Ana. A roupa azul de Maria simboliza o céu, e também a verdade que Maria vai gerar para o mundo: seu Filho Jesus Cristo.

Fotografias de Lindsay Rocha Taveira, 6 de agosto de 2018.

[**Fig. 9**]: Imagem de Sant'Ana Mestra. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 10**]: Imagem de Sant'Ana Mestra Parte de trás. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 11**]: Detalhe de Sant'Ana. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

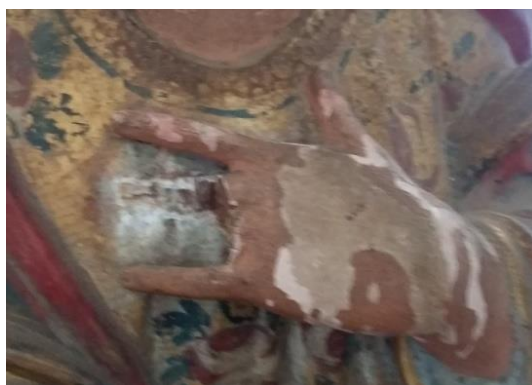
[**Fig. 12**]: Detalhe de Maria. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 13**]: Dedos da mão esquerda de Sant'Ana. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 14**]: Lateral esquerda. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 15**]: Lateral direta. Detalhe de Maria. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 16**]: Rosto de Sant'Ana. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 17**]: Rosto de Maria. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 18**]: Imagem de parte faltante dos dedos da mão esquerda de Sant'Ana. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

[**Fig. 19**]: Imagem da base de Sant'Ana com ataque de insetos xilófagos. Fotografia: Lindsay Rocha Taveira (6 de agosto de 2018).

O tombamento da imagem

Pessoas ligadas à paróquia de Sant'Ana, entre voluntários e funcionários, relatavam que esta imagem já era tombada em nível federal, mas não foi encontrado um documento que demonstrasse isso, uma vez que ela não era citada no inventário federal de 1993. Em 2019, às vésperas de se aposentar, o mesmo pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho, do IPHAN, esteve em Lavras novamente, quando pôde ver a imagem primeira vez, confirmando que sua existência era ignorada dos órgãos de proteção do patrimônio cultural.

Foi assim que tratativas foram feitas para corrigir este pitoresco lapso histórico, comunicando-se oficialmente sua existência ao IPHAN através do Ofício n. 440/2019/SELTC/GNT, de 31 out. 2019, e também realizando o tombamento municipal através do decreto n. 15.363, de 6 abr. 2020, para garantir sua proteção jurídica e, principalmente, dar o devido reconhecimento a

imagem de grande valor simbólico, histórico, artístico e religioso para Lavras.

A Imagem de Sant'Ana Mestra foi exposta provisoriamente pela primeira vez em mais de três décadas durante as comemorações dos 260 da paróquia de Sant'Ana, em novembro de 2020[31]. Contudo, ela ainda aguarda restauração e um local seguro para exposição pública definitiva, para ser vista e apreciada por toda a população. A aguardada restauração do conjunto de retábulos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário pelo IPHAN e a reorganização do Museu Sacro de Lavras, sem dúvida, podem se mostrar oportunidades para restaurá-la e separar um local apropriado, com todas as medidas de segurança e proteção, a receber, uma vez mais, esta que é um dos bens mais importantes do patrimônio artístico de Lavras e região.

[31] NÉMETH-TORRES, G. 260 Anos da Paróquia de Sant'Ana – Patrimônio sacro de Lavras. **História de Lavras**. 2020. Acessado em 31 jul. 2022. https://historiadelavras.blogspot.com/2020/11/260-anos-da-paroquia-de-santana.html.

VERÔNICA: SANTA OU ÍCONE?

Quando do redescobrimento de uma pintura em tela que originalmente pertencia à Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras, os descobridores e a imprensa a batizaram como "Verônica".

[Fig. 20]: Díptico com João Batista e Santa Verônica, ala direita: Santa Verônica (*Diptychon mit Johannes dem Täufer und der Hl. Veronika, rechter Flügel: Hl. Veronika*). Óleo sobre painel, 1470-1475, por Hans Memling (c.1430-1494).

Há de se ver que existe certa confusão a respeito dessa devoção. Em várias regiões da Cristandade, é homenageada com este nome uma piedosa mulher de Jerusalém que, durante a Paixão de Cristo, no caminho para o Calvário, ofereceu a Jesus uma toalha sobre a qual se marcou a imagem do rosto do Salvador. Posteriormente, ela foi a Roma, trazendo consigo esta imagem de Cristo, que por muito tempo foi exposta à veneração pública. A ela também são encontradas outras relíquias da Santíssima Virgem venerada em várias igrejas do Ocidente. A crença na existência de imagens autênticas de Cristo está ligada à antiga lenda do rei Abgar V de Edessa (Século I d.C.) e à escrita apócrifa conhecida como "*Mors Pilati*" ("A Morte de Pilatos"). Para distinguir em Roma a mais antiga e mais conhecida dessas imagens, ela foi chamada de *vera icon* (imagem verdadeira),

que a linguagem comum logo transformou em “verônica”.

Aos poucos, a imaginação popular confundiu esta palavra com o nome de uma pessoa e acrescentou a ela diversas lendas que variam de acordo com o país: na Itália, segundo o Evangelho de Nicodemos (apócrifo, meados do Século IV), Verônica chega a Roma a pedido do imperador Tibério, a quem ela cura fazendo com que ele toque a imagem sagrada. Daí em diante, ela permanece na capital do Império, contemporaneamente aos santos Pedro e Paulo. Antes de morrer, Verônica doa a preciosa imagem ao papa Clemente I e seus sucessores.

Na França, ela é dada em casamento a Zaqueu, o convertido do Evangelho, que o acompanha a Roma, e depois a Quercy, onde seu marido se torna um eremita, sob o nome de Amador, na região hoje chamada Rocamador. Enquanto isso, Verônica se une a Marçal, a quem auxilia em sua pregação apostólica; na região de Bordéus (Bordeaux), logo após a Ascensão de Cristo, Verônica aporta em Soulac na foz do Gironda, trazendo relíquias da Santíssima Virgem; ali ela prega, morre e é enterrada na tumba que foi venerada por muito tempo em Soulac ou na Igreja de São Severino em Bordéus. Algumas vezes, ela foi até confundida com uma mulher piedosa que, segundo Gregório de Tours, trouxe para a cidade vizinha de Bazas algumas gotas do sangue de João Batista, em cuja decapitação ela estava presente.

E ainda, em muitos lugares, ela é identificada como a mulher com sangramento (em Latim: *Hæmorrhoissa*) que foi curada no Evangelho. Essas tradições piedosas não podem ser documentadas, mas não há razão por que a crença de que tais atos de compaixão não ocorreram e tenham encontrado expressão na veneração prestada a alguém chamada Verônica, ainda que o nome fora encontrado em nenhum lugar no Martirológio Jeronimiano ou nos mais

antigos martirológicos históricos[32].

A ligação da história de Verônica com a Paixão de Cristo e a aparência milagrosa da imagem foi feita pela Bíblia de Roger d'Argenteuil em Francês, no Século XIII[33] e ganhou ainda mais popularidade após a obra "Meditações sobre a Vida de Cristo", por volta de 1300. É também neste ponto que outras representações da imagem mudam para incluir uma coroa de espinhos, sangue e a expressão de um homem em dor. A imagem se tornou muito comum em todo a Europa católica, formando parte da *Arma Christi* (também chamados os Instrumentos da Paixão), e o encontro de Jesus e Verônica foi lembrado em uma das Estações da Cruz.

A partir do Século XIV, é confirmado que havia uma imagem física venerada como o Véu de Verônica, exibida em Roma, mas a proveniência dessa imagem é incerta. Costuma-se presumir que este véu com a Imagem Verdadeira estava presente na antiga Basílica de São Pedro no papado de João VII (705-708), já que uma capela conhecida como capela da Verônica foi construída durante seu reinado. Parece, no entanto, que este véu (que identificaremos como Verônica daqui em diante) já estava no lugar por volta de 1011, quando um escriba foi identificado como o guardião do pano[34].

---

[32] Dégert, A. (1912). St. Veronica. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Acessado em 8 jun. 2021 em New Advent: www.newadvent.org/cathen/15362a.htm.
[33] Schiller, G. (1972). *Iconography of Christian Art* (Vol. 2). London: Lund Humphries, 78-79.
[34] Wilson, I. (1991). *Holy faces, secret places: an amazing quest for the face of Jesus*. New York: Doubleday, 175.

[Fig. 20]: Santa Verônica de Jerusalém (*Sancta Veronica Ierosolymitana*). Feita em mármore, 1629-1640, por Francesco Mochi (1580-1654). Vaticano.

O registro mais concreto da Verônica só apareceria em 1199, quando dois peregrinos, Geraldo de Gales (*Giraldus Cambrensis*) e Gervásio de Tilbury (*Gervasius Tilberiensis*), fizeram dois relatos em momentos diferentes de uma visita a Roma, dando referência direta à existência do Véu de Verônica. Pouco depois disso, em 1207, o pano tornou-se mais proeminente quando foi exibido publicamente pelo papa Inocêncio III, que também concedeu indulgências a quem orasse ante ele[35]. Esta procissão, entre a Basílica de São Pedro e o Hospital do Espírito Santo, tornou-se um evento anual e em uma dessas ocasiões, em 1300, o papa Bonifácio VIII, que a trouxe para a Basílica de São Pedro em 1297, foi inspirado a proclamar o primeiro Jubileu em 1300. Durante este Jubileu, a Verônica foi exibida publicamente e se tornou uma das "Maravilhas da Cidade" ("*Mirabilia Urbis Romæ*") para os peregrinos que visitavam Roma. Nos duzentos anos seguintes, a Verônica disposta na antiga São Pedro foi considerada a mais preciosa de todas as relíquias cristãs.

[35] Duffy, P. (12 jul. 2012). St Veronica's Towel. *Catholic Ireland*. Acessado em 9 jun. 2021. www.catholicireland.net/saintoftheday/stveronica-and-the-sixth-station-of-the-cross.

Pedro Tafur[36], um visitante castelhano, em 1436, observou:

> À direita está um pilar tão alto quanto uma pequena torre, e nele está a sagrada Verônica. Quando há de ser exposta, faz-se uma abertura no telhado da igreja e desce uma arca ou berço de madeira, na qual se encontram dois clérigos, e quando estes descem, levanta-se a arca ou berço, e eles, com a maior reverência, tiram a Verônica e mostram-na ao povo, que ali se reúne no dia marcado. Acontece muitas vezes que os fiéis estão em perigo de vida, tantos são e tão grande é a aglomeração.

Após o Saque de Roma em 1527, alguns escritores registraram que o véu havia sido destruído: Messer Unbano diz à duquesa de Urbino que a Verônica foi roubada e perdida nas tabernas de Roma. Outros escritores, entretanto, observam sua presença contínua no Vaticano e uma testemunha do saque afirma que a Verônica não foi encontrada pelos saqueadores[37].

Muitos artistas da época criaram reproduções da Verônica, sugerindo novamente sua sobrevivência, mas em 1616, o papa Paulo V proibiu a fabricação de outras cópias, a menos que fossem feitas por um cânone da Basílica de São Pedro. Em 1629, o papa Urbano VIII não apenas proibiu a reprodução da Verônica, mas também ordenou a destruição de todas as cópias existentes. Seu édito declarava que qualquer pessoa que tivesse acesso a uma cópia deveria trazê-la ao Vaticano, sob pena de excomunhão. No Século XVII, o véu foi encontrado escondido em uma câmara de relíquia construída por Bernini em um

[36] Tafur, P. (1926). *Pero Tafur: Travels and Adventures (1435-1439)*. New York; London: Harper & Brothers. Acessado em 9 jun. 2021. https://depts.washington.edu/silkroad/texts/tafur.html#ch3.
[37] Wilson, I. (1991). *op. cit.*, 112-113.

dos pilares que sustentam a cúpula de São Pedro[38].

Como não há evidências conclusivas de que alguma vez tenha saído da Basílica de São Pedro, existe a possibilidade de que lá permaneça até hoje; isso seria consistente com as informações limitadas que o Vaticano forneceu nos últimos séculos. A devoção à Santa Face de Jesus foi eventualmente aprovada pelo papa Leão XIII em 1885, comemorada em 12 de julho.

A tela "Verônica" de Lavras

A pintura "Verônica", óleo sobre tela de 120 cm de altura x 60 cm de largura x 13 cm de profundidade, é um importante patrimônio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Nota-se que ela não representa a mulher Santa Verônica, e, sim, um anjo segurando o Vero Ícone.

A pintura "Verônica" apresenta atribuição a Joaquim José da Natividade (c.1771-1841), conhecido mestre-pintor que realizou várias obras sacras principalmente na região de São João del-Rei. Salientamos que ainda não há material suficiente para confirmar a atribuição da tela "Verônica" a Natividade, embora existam evidências que apontam para essa conclusão, como obras similares em outras igrejas mineiras de sua autoria.

Segundo Moura, & Caixeta [2020: 65] [39], a datação da pintura pode ser determinada tendo como base o estudo estilístico/formal, em que elementos específicos como: dobras das vestes, movimentação dos tecidos, gestual,

[38] Duffy, P. (12 jul. 2012). *op. cit*.
.
[39] NÉMETH-TORRES, G. 260 Anos da Paróquia de Sant'Ana – Patrimônio sacro de Lavras. **História de Lavras**. 2020. Acessado em 31 jul. 2022. https://historiadelavras.blogspot.com/2020/11/260-anos-da-paroquia-de-santana.html.

semblantes são analisados, pois, ao longo da história da Arte esses detalhes são recorrentes e demarcadores de um período. Assim, na pintura "*Verônica*" observaram elementos comuns da terceira fase do Barroco, final do Século XVIII, identificado com Rococó. No caso, o semblante sereno da figura principal, os tecidos menos esvoaçantes, cores suaves, poucos adornos e menor dramaticidade nas luzes e sombras são característica da produção artística dessa época.

Não há notícia da localização específica em que a pintura "*Verônica*" ficava disposta no interior da antiga Igreja Matriz de Sant'Ana; supostamente, na sacristia, sob o limitado argumento que ela não é visível nas fotos feitas na década de 1940 – que se restringiram à nave e capela-mor. É provável que ela tenha ficado enrolada por muito tempo, dado os vincos existentes nela.

[Fig. 21]: Frente da pintura "Verônica" antes da restauração apresentado todas as degradações de sua estrutura e camada pictórica [Claudia Nadalin, 2017].

A pintura foi retirada pelo estudante gammonense William Daghlian por volta de 1958, que assim narrou, meio século depois, ao jornalista Pedro Coimbra, em novembro de 2009[40]:

> Quando estudei em Lavras, a Igreja Matriz estava em reforma. Um dia, pedi permissão ao guarda para entrar e ver como iam as obras. Na sacristia, encontrei a ponta de um tecido sob uma pilha de tijolos. Removendo-os, vi uma tela jogada, sem chassis, imunda, descascando, com uma pintura de um anjo segurando o manto da Verônica. A pintura estava em péssima condição. Perguntei se eu poderia comprar o quadro, ao que o guarda me informou que o mesmo pertencia ao Patrimônio Histórico e não poderia ser vendido. Disse-lhe então que no estado que estava, o quadro desapareceria em pouco tempo. O guarda me disse: Então pode levar. Perguntei quanto era, e ele disse: Nada! Levei o quadro para São Paulo, o consegui salvar e mais tarde o doei ao Museu de Arte de São Paulo.

Daghlian deixou a pintura na casa dos seus pais, em São Paulo, onde permaneceu por décadas, até ser doada para o MASP em 2003[41]. Foi em 2009 que a comunidade lavrense teve conhecimento do paradeiro da tela, tendo o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Lavras acionado o IPHAN e o Ministério Público do Estado de Minas Gerais com um pedido de devolução.

Após muitas negociações, em 2015, o IPHAN buscou a obra no MASP e o manteve em segurança em sua sede, em Belo Horizonte (MG), até que se realizasse o processo de restauração. A tela foi restaurada em 2017 por Thaís Cristina Coelho Carvalho Caixeta, responsável pelas intervenções e estudos

[40] Coimbra, P. (17 ago. 2015). Peça sacra da Igreja do Rosário descoberta pelo Lavras 24 Horas voltará para região. *Lavras 24 Horas*. Acessado em 14 jun. 2021: www.lavras24horas.com.br/portal/pecasacra-da-igreja-do-rosario-descoberta-pelolavras-24-horas-voltara-para-regiao.

[41] Martí, S. (3 abr. 2015). Masp devolverá imagem sacra levada de igreja barroca na década de 1950. *Folha de São Paulo*. Acessado em 14 jun. 2021, https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1623108-masp-devolvera-imagem-sacra-levada-de-igreja-barroca-na-decada-de-1950.shtml.

sobre a pintura, e Blanche Matos, que realizou todo o trabalho contábil e também os contatos entre o ateliê de restauração, sendo também utilizados recursos do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Lavras. Em 18 de novembro de 2020, semana em que a paróquia de Sant'Ana completou 260 anos, a pintura retornou a Lavras após mais de sessenta anos. Em 17 de agosto de 2021, durante o IV Fórum do Patrimônio Cultural de Lavras, a tela foi exposta na Igreja do Rosário pela primeira vez, desde a década de 1950. Ainda naquele ano, o decreto municipal n. 15.912 de 20 de outubro de 2021 declarou a tela como patrimônio cultural lavrense.

[Fig. 22]: Tela Verônica após a restauração [Thaís Carvalho, 2017].

Prof. Geovani Németh-Torres

1. BIOGRAFIA

Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (MG). Especialista em Educação Especial para Talentosos e Bem Dotados pela Universidade Federal de Lavras (MG). Servidor público municipal, é facilitador no Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento. Além disso, é diretor de Assuntos Internacionais da Associação de Pais e Amigos para Apoio ao Talento e sócio correspondente dos institutos históricos e geográficos de São João del-Rei, da Campanha e de Ritápolis, bem como da Academia de Letras de São João del-Rei. É também autor e editor de obras historiográficas, educativas e literárias, e também de publicações periódicas relativas à História e à Educação.

2. PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Livros, monografias e editorações

1.	Németh-Torres, G. (2025). *Prof. José Luiz de Mesquita e a preservação da Igreja do Rosário de Lavras*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 16.
2.	Németh-Torres, G. (2025). *Verônica e Sant'Ana Mestra: Arte sacra barroca e patrimônios culturais de Lavras*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 15.
3.	Corrêa, T. M. R., Pe., & Németh-Torres, G. (2024). *Dehonianos em Lavras: Celebrando um Século de Amor e Reparação (1924-2024)*. Lavras, MG: Paróquia de Sant'Ana de Lavras.
4.	Pedrozo, G. A. (2024). *A História e Arqueologia Indígena de Lavras e do Campo das Vertentes*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 14.
5.	Németh-Torres, G. (2024). *História das Escolas de Lavras*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 13.
6.	Németh-Torres, G. (2023). *História Geral de Lavras, Volume II*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 12.
7.	Németh-Torres, G. (2022). *Era uma vez... (Jornal do Grupo Escolar Álvaro Botelho, 1935-1938)*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 11.
8.	Delphim, A. A. M., & Mendes, V. A. B. (2021). *Pró-Memória Gammonense*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 10.
9.	Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Lavras (2021). *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *ano 2, número 2*. Lavras, MG: COMPAC. Série Lavrensiana, 9.
10.	Delphim, A. A. M. (2020). *Dicionário de Lavras de A a Z*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 8.
11.	Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Lavras (2020). *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *ano 1, número 1*. Lavras, MG: COMPAC. Série Lavrensiana, 7.

12.	Németh-Torres, G. (2019). *Opera Omnia II, 2004-2009*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres.
13.	Németh-Torres, G. (2018). *História Geral de Lavras, Volume I*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 6.
14.	Németh-Torres, G., & Nunes, L. F. (2018). *Propostas para o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Lavras*. Belo Horizonte, MG: UEMG. Trabalho de Conclusão de Curso de Formação de Conselheiros de Cultura e Patrimônio em Minas Gerais.
15.	Németh-Torres, G. (2017). *Opera Omnia I, 1986-2004*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres.
16.	Németh-Torres, G. (2016). *Crônicas de um Longo Epílogo*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Opera Omnia, 2.
17.	Costa, F., & Németh-Torres, G. (2015). *"Vida Escolar" de Firmino Costa (1907-1908). Organização e Notas por Geovani Németh-Torres*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 5.
18.	Németh-Torres, G. (2014). *Crônicas da Silésia*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Opera Omnia, 1.
19.	Németh-Torres, G. (Org). (2013). *Lavras Sport Club: Documentos Históricos do Pioneiro de Nosso Futebol (1913-1937)*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 4.
20.	Németh-Torres, G. (2012). *De Parnaíba às Lavras do Funil: Subsídios para a História das Origens de Lavras, 1712-1729*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 3.
21.	Németh-Torres, G. (2011). *A Atenas Mineira: Capítulos Histórico-Culturais de Lavras*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 2.
22.	Németh-Torres, G. (2010). *Os 250 Anos da Paróquia de Sant'Ana: Uma História da Igreja Católica em Lavras*. Lavras, MG: Geovani Németh-Torres. Série Lavrensiana, 1.
23.	Németh-Torres, G. (2009). *Relatório de Estágio*. Lavras, MG: UFLA. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Especialista em Educação Especial.
24.	Németh-Torres, G. (2007). *O Plebiscito Nacional de 1993 sobre as Formas e Sistemas de Governo*. São João del-Rei, MG: UFSJ. Monografia para obtenção do título de Bacharel em História.

2.2. Artigos acadêmicos

1.	Guenther, Z.C., & Németh-Torres, G. (no prelo). Inspiração e bases teóricas do CEDET – Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento. In Soares, A. M., & Costa, F. L. P. (Orgs.). *Tenho um aluno com Altas Habilidades, e agora?*. Belo Horizonte, MG: Artesã
2.	Németh-Torres, G., & Pedrozo, G. A. (2023). A redescoberta da imagem de Sant'Ana Mestra da antiga igreja matriz de Lavras (MG). *Revista da Academia de Letras de São João del Rei*, *12*.
3.	Németh-Torres, G. (2023). A Ponte do Funil, sobre o rio Grande: Patrimônio cultural de Lavras (MG). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, *16*, 179-190.
4.	Németh-Torres, G., & Batista, V. F. (2022). A locomotiva Baldwin 233: Patrimônio cultural de Lavras (MG). In *Reflexões sobre História* (68-79). Tiradentes, MG: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes.

5.	Casagrande, T. C., Németh-Torres, G., & Cândida, G. C. (2021). Atuação do pedagogo para além do ambiente escolar: um relato sobre o trabalho socioeducativo no CEDET de Lavras, MG. In Delou, C. M. C., & Cardoso, F. S. *Anais do V Simpósio de Altas Habilidades/Superdotação do CMPDI* (78-82).
6.	Németh-Torres, G. (2020). O Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Lavras: Natureza, competência e rol de conselheiros. *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 451-454.
7.	Németh-Torres, G, & Mesquita, J. F. L. (2020). Anais do III Fórum do Patrimônio Cultural de Lavras. *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 447-450.
8.	Németh-Torres, G, & Casagrande, T. C. (2020). Firmino Costa: um professor admirável. *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 407-411.
9.	Haddad, J. C., & Németh-Torres, G. (2020). Pequeno incidente com os padres alemães em 1945 e a intervenção da Congregação Mariana. *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 301-304.
10.	Németh-Torres, G. (2020). Ligeiro comentário sobre os museus e arquivos lavrenses. *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 229-237.
11.	Németh-Torres, G. (2020). História da preservação do patrimônio cultural de Lavras (1940-1984). *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 208-228.
12.	Morrison, A., & Németh-Torres, G. (2020). Os bondes de Lavras (homenagem a Allen Morrison). *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1*(1), 121-143.
13.	Mesquita, J. F. L., Németh-Torres, G., & Bozetti, R. L. (2019). Igreja de Nossa Senhora do Rosário: História. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, *8*(4), 64-75.
14.	Bozetti, R. L., Mesquita, J. F. L., & Németh-Torres, G. (2019). Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lavras, Minas Gerais: uma análise crítica sobre sua história e processos de restauro. In: III Simpósio Científico ICOMOS Brasil, Belo Horizonte, MG.
15.	Guenther, Z.C., & Németh-Torres, G. (2016). In spirituality: A perspective from a traditionally Latin culture. *Gifted Education International*, *32*(3), 216-223.
16.	Németh-Torres, G. (2008). O Plebiscito Nacional de 1993 sobre as Formas e Sistemas de Governo. In Villalta, L. C., Baggio, K. G., & Furtado, J. P. *Programação e Caderno de Resumos do XVI Encontro Regional de História da ANPUH – MG*. Belo Horizonte, MG: Associação Nacional de História. Anais Eletrônicos.
17.	Németh-Torres, G. (2008). A Odisséia Monarquista no Plebiscito Nacional de 1993. *Veredas da História*, *1*(1).

2.3. Editoração de periódicos

1.	(2015-2024). *Comunicação, Organização e Humanidades*, *1-7*, Lavras, MG: ASPAT.
2.	(2020-2022). *Revista do Patrimônio Cultural de Lavras*, *1-3*, Lavras, MG: COMPAC.
3.	(2011-2021). *Informativo ASPAT-CEDET*, *2-12*, Lavras, MG: ASPAT.
4.	(2019-2020). *Acrópole* – Fase V, *51-60*, Lavras, MG: Geovani Németh-Torres.
5.	(2010-2011). *Acrópole* – Fase IV, *40-50*, Lavras, MG: UFLA-PROEC.
6.	(2008-2009). *Brava Gente Brasileira*, *1-9*, Florianópolis, SC: Associação Causa Imperial.

Para demais obras do autor, visite:

HTTP://HISTORIADELAVRAS.BLOGSPOT.COM